

O LIVREIRO DE CABUL À LUZ DA TEORIA DE GÊNERO

Marusa Bocafoli da Silva

Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro - UENF. Integrante do ATEGEN (Atelier de Estudos de Gênero) - UENF.

marusasilva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as relações de gênero presente na obra "O Livreiro de Cabul" da jornalista norueguesa Asne Seierstad. A autora retrata o cotidiano vivido pelas mulheres no Afeganistão. Nessa sociedade a tradição e a religião atuam como legitimadores e perpetuadores de preconceitos sexistas e o apego da população por esses valores é responsável pela naturalização desses preconceitos. A burca, vestimenta obrigatória durante o regime Talibã e ainda utilizada pelas mulheres de famílias mais tradicionais é o sinal de invisibilidade das afegãs. Por outro lado, verifica-se hoje alguns avanços, entretanto, as permanências se sobressaem. Derrubar as barreiras da tradição se mostra extremamente difícil nessa sociedade por envolver poder e privilégios que estão nas mãos do homens. As mulheres retratadas pela autora vivenciam uma situação de inferioridade social que pode ser compreendida e analisada através da teoria de gênero.

Palavras - chave: Talibã, invisibilidade, poder.

ABSTRACT

This article aims to analyze gender relations present in the book "The Bookseller of Kabul" of the Norwegian journalist Asne Seierstad. The author depicts the everyday life experienced by women in Afghanistan. In this society tradition and religion act as legitimating and perpetrators of gender bias and the attachment of the population for these values is responsible for naturalization of these prejudices. The burqa, mandatory dress during the Taliban regime and still used by women in more traditional families is the invisibility of Afghan signal. Moreover, it appears today some progress, however, the stays protrude. Breaking the barriers of tradition proves extremely difficult in this society by engaging power and privilege in the hands of men. The women portrayed by the author experience a situation of social inferiority that can be understood and analyzed by gender theory.

Keywords: Taliban, invisibility, power.

1. INTRODUÇÃO

A obra da jornalista norueguesa Asne Seierstad intitulada "O Livreiro de Cabul" (2008) leva-nos a uma viagem sobre a sociedade afegã e todas as relações que essa engendra. A autora se debruça sobre o Afeganistão, um país marcado por violentas guerras e conflitos que deixaram marcas profundas na sua organização social. A análise dessa sociedade é realizada tendo como objeto uma família de classe média de Cabul e apegada às tradições. É através da observação das relações que se dão dentro desse núcleo familiar que a jornalista analisa a sociedade afegã.

Após acompanhar por seis semanas os comandantes da Aliança do Norte¹ no deserto ela seguiu para Cabul quando o regime Talibã perdeu o poder e lá conheceu Sultan Khan, um homem intelectualizado, dono

¹ Organização político-militar criada pelo Estado Islâmico do Afeganistão em 1996 com objetivo de unir diversos grupos demográficos afegãos para combater o Talibã.

de algumas livrarias e apaixonado por livros. As conversas entre a autora e o vendedor de livros sobre a história do Afeganistão, sobre literatura, história geral e seu primeiro contato com os familiares de Sultan despertou a vontade de escrever um livro sobre a família do livreiro. Quando contou seu desejo à Sultan imediatamente ele se colocou à disposição e hospedou a jornalista em sua casa a fim de que ela pudesse fazer suas observações e anotações.

Foi assim, bem de perto, que Seierstad pode perceber que apesar da intelectualidade e ilustração de Sultan ele também era demasiadamente apegado às tradições, que na sociedade em questão, coloca todo o poder de decisão nas mãos do homem, do chefe de família. Durante sua estadia a autora presenciou situações de sujeição das mulheres e dos filhos, que mesmo contra sua vontade deveriam fazer o que Sultan julgava ser melhor ainda que o preço fosse a felicidade de seus familiares.

O Afeganistão foi palco de inúmeras disputas entre ingleses e russos. Viveu sobre o controle soviético por dez anos. Durante esse período se instalou nesse país uma agenda marxista-leninista que tinha como objetivo empreender esforços para tirar o país do isolamento em que vivia. Em 1989 deu-se início a guerra civil que perdurou até 1992. Em 1996 o Talibã tomou o poder instituindo uma política religiosa violenta e repressora. À época do governo Talibã bibliotecas foram fechadas, livros e discos destruídos e às mulheres foi negada a liberdade. Numa realidade onde a política e a religião estão totalmente imbricadas não há espaço para desenvolvimento e muito menos para liberdades individuais. A honra e a moral das famílias, sobretudo das mulheres tem grande valor e qualquer desvio é julgado com rigidez sendo esse considerado vergonhoso para o clã. Mesmo após a queda do Talibã o país vive sob tradições fortemente arraigadas que colocam os indivíduos, em especial às mulheres, em situação de sujeição e invisibilidade.

É com esse pano de fundo que o presente artigo se objetiva a realizar uma análise sobre as relações de gênero presentes na obra "O Livreiro de Cabul" e para isso utilizaremos como arcabouço teórico obras de autores como Jean Jacques Rousseau, Pierre Bourdieu, Londa Schiebinger, Michelle Perrot, Thomas Laqueur, Elena Belotti entre outros estudiosos que se debruçam sobre a temática gênero afim de nos dar suporte teórico para apontar, analisar e discutir a situação vivenciadas pelas mulheres desse país.

2. DISCUSSÃO

2.1 Tradição que legitima a violência

Uma multidão lota o Estádio de Esportes Ghazi, em Cabul, e grita Allah-o-Akbar! (Deus é grande!), incitada por radicais de turbante negro. A plateia não sabe exatamente o que irá acontecer — estão no intervalo de uma partida de futebol. Uma burca é guiada para o centro do estádio; a mulher condenada por adultério em um tribunal de mulás é enterrada até a metade do corpo, sem rosto nem identidade. É o dia da sua execução. Guardas e desafetos se aproximam com pedras. Um barbudo na plateia tampa os olhos com as mãos. Mas ouve os versos do Alcorão recitados por um religioso, os gritos da desconhecida. Ela cai. O sangue mancha o tecido azul. Mais gritos e choro; há crianças na plateia. Os guardas limpam o sangue com uma mangueira, enquanto outros jogam o cadáver no bagageiro de uma picape. Eles deixam o campo. O jogo recomeça.²

O Afeganistão é atualmente um país regido por um governo democrático, mesmo assim, a maior parte dos indivíduos vivem sob leis tribais. Quando o Talibã³ governou o país de 1996 a 2001 foi instaurada nessa sociedade uma forte repressão sobre tudo aquilo que os líderes religiosos consideravam contrário ao islamismo. Nessa época livrarias e bibliotecas foram destruídas, livros e discos queimados, qualquer produto que trazia em sua embalagem a figura humana era destruído, incluindo vidros de shampoos chineses. A

² Trecho retirado do artigo: O Afeganistão depois do Talibã, disponível em: <http://www.amalgama.blog.br/11/2011/o-afeganistao-depois-do-taliba>. Acessado em: 03/01/2014.

³ Movimento fundamentalista difundido no Paquistão e sobretudo no Afeganistão. Conhecidos por defenderem o ideal político-religioso de recuperar todos os principais aspectos do Islã (cultural, social, jurídico e econômico), com a criação de um Estado Teocrático.

representação de seres vivos não era permitida pelo islã, assim como músicas, danças e bebidas, mesmo nas festas de casamentos, diziam os radicais. Os crimes considerados mais graves como a desonra eram julgados por um tribunal de mulás⁴ e na maior parte das vezes a execução era a pena aplicada.

Entretanto, é fato que quem mais sofreu como o regime Talibã foram as mulheres. À elas foi negado o direito de frequentar escola ou de trabalhar. Sair de casa só na companhia de um homem da família. E a burca? Ah a burca recuperada e instituída como o traje para frequentar lugares públicos era e é o maior símbolo da submissão e da invisibilidade dessas mulheres. Mesmo após a queda do regime Talibã essas mulheres encontram muita resistência para conseguir se tornar sujeitos de direito. Hoje já existem escolas para elas, mesmo assim, pouquíssimas frequentam e chegam a concluir os estudos. Dados de 2011 confirmam que a taxa de analfabetismo no país entre as mulheres era de 87%⁵. São poucas também aquelas que saem para trabalhar. As que pertencem as famílias mais tradicionais ainda usam a burca. Elas continuam objeto de troca entre as famílias e a principal preocupação dos pais não é dar condições para que suas filhas sejam autônomas e sim arranjar um bom casamento para elas. De acordo com Seierstad as mulheres afegãs são objetos de troca e venda. O casamento nessa sociedade é um contrato entre famílias ou dentro da família.

O valor da mulher é medido por sua fertilidade. Gerar filhos, de preferência meninos, é o seu papel principal. Nesse contexto o casamento ocupa um lugar de destaque, pois funciona como troca simbólica. A mulher e sua capacidade de reprodução são objeto de troca que servem para aumentar o capital simbólico dos homens, como nos diz Bourdieu:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo o sentido se constitui fora delas e cuja a função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (BOURDIEU, 2011, p.55)

A tradição sexista existente no país ainda ocupa lugar de destaque. O Afeganistão "velho" persiste e se faz presente no "novo" Afeganistão. Os avanços e permanências observados nesse país não se configura em fato novo. A História se encarrega de nos mostrar que nem sempre o avanço é no caminho de melhorias ou conquista de direitos. Ao contrário, em muitos casos há um retrocesso com o passar do tempo. Os fatos, como os que podemos observar na obra de Asne Seierstad, nos mostram quão grandes são as permanências e deixa claro que o Afeganistão de hoje se mostra, como o Afeganistão de ontem, um dos piores lugares do mundo para se nascer mulher.

Nascer mulher é uma condição perversa em quase todas sociedades. Filósofos, cientistas, políticos, entre outros intelectuais defenderam durante toda a história uma posição inferior para as mulheres. Defesa essa pautada em teorias e preconceitos sexistas como a imperfeição do corpo feminino que sangra mensalmente e por isso seria incapaz de realizar grandiosos atos. Thomas Laqueur nos diz que quando os especialistas se debruçaram sobre o tema da diferença sexual trataram o corpo da mulher como uma versão "menos quente, menos perfeita, logo menos potente do corpo reconhecido" (LAQUEUR, 2001, p.50), ou seja, o corpo masculino, que é o modelo. Tudo aquilo que não é masculino é por conseguinte imperfeito. Assim é a mulher, imperfeita e incapaz, um ser que necessita da tutela masculina para caminhar.

O peso carregado pelas mulheres por terem nascidos nessa condição é imenso. Em algumas sociedades asiáticas, orientais, africanas e mesmo no ocidente é grande a expectativa pelo nascimento de um homem, de um varão. As meninas não são desejadas. Belloti (1981) corrobora essa afirmativa quando analisa a hostilidade dos futuros pais quando descobrem que estão esperando uma menina. A autora nos diz que a fêmea é menos desejada que o macho, em muitos casos ela nem é desejada absolutamente, isso se dá porque

⁴ Líderes tribais.

⁵ Dados disponíveis em: <http://www.amalgama.blog.br/11/2011/o-afeganistao-depois-do-taliba>. Acessado em 03/08/2014.

seu valor social é considerado inferior ao do homem. Entretanto a autora nos chama atenção, que esse preconceito se esbarra na crença de que não é conveniente demonstrar rejeição às crianças. Socialmente isso é percebido como intolerável e por isso se inverte a situação e a "hostilidade contra a menina se torna hostilidade da menina por aquela que leva no seio, e com tanta violência que chega a complicar o próprio ato de dá-la à luz, ato fisiológico no qual o feto é absolutamente passivo" (BELLOTI, 1981, p.20). Assim a autora afirma:

À menina atribuem-se maiores dores no parto. A menina, por sua natureza, provoca dores desde o princípio. Também nos primeiros meses e anos de vida se continuava acreditando que as meninas eram mais choronas e importunas que os meninos. (BELLOTI, 1981, p.20)

Crenças como as citadas acima ainda são bastante difundidas e são também sinais inconscientes da hostilidade para com as meninas. Vistas e percebidas como um ser que precisa ser cuidado e tutelado elas são criadas e educadas para serem submissas e inseguras. Sobre esse fato o trabalho de Schienbinger (2001) é ilustrativo pois a autora cita algumas pesquisas, que tiveram como objetivo investigar as mulheres na cultura profissional, que revelaram que elas tendem a falar menos que os homens quando estão em locais públicos. As que falam, geralmente demonstram uma acentuada polidez e fazem suas observações quase se desculpando por fazê-las, isso para não parecerem inteligente, impertinentes ou agressivas, já que essas são características masculinas e não são esperadas e nem desejadas nas mulheres. A autora ainda afirma que essa insegurança que acompanha as profissionais é de certa maneira responsável pela baixa produtividade delas se comparada aos homens. Isso se dá porque a mulher precisa ver e rever diversas vezes seu trabalho antes de concluí-lo enquanto que o homem, com sua extremada segurança, leva menos tempo para dá-lo como acabado.

Dessa forma, a tradição e a religião vem há muito reforçando a ideia preconceituosa de que a mulher não é capaz de realizar trabalhos intelectuais ou de ocupar cargos de chefia. Isso seria contra a sua "natureza". No século I da Era Cristã São Paulo ensinava que, assim como as crianças as mulheres deveriam ser vistas mas não ouvidas. Até o século XIX os médicos diagnosticavam as mulheres mais articuladas publicamente como histéricas. Invocando assim a tradição, a religião e a natureza para fazê-las acreditar que não nasceram para ocupar determinadas posições no mercado de trabalho e que o seu lugar é no privado. Rousseu (2004) já nos dizia que o lugar da mulher havia sido determinado pela natureza e a ela caberia o espaço privado do lar e todas as atividades que o envolvesse.

Todo esse "esforço" para desacreditar a mulher se configura numa violência simbólica, como a descrita por Bourdieu (2011), já que elas incorporam a crença e passam a duvidar de sua capacidade. Entretanto, geralmente, as vítimas desse tipo de violência não conseguem percebê-la da maneira como ela se apresenta. Acabam naturalizando os preconceitos e dando a eles aspecto de respeito ao pai ou ao marido, ou até mesmo vendo-os como vontade de Deus. É como se houvesse uma ordem social estabelecida em que o masculino representasse a superioridade e a perfeição em detrimento do feminino que aparece como inferior e coadjuvante. Esse é o aspecto desse tipo de dominação que instiga o Bourdieu e que o motiva a compreender o porquê dessa ordem estabelecida, mesmo com todas as relações de dominação e injustiça, ser vista como aceitável e natural. Então ele sinaliza para a dominação masculina, que resulta da chamada violência simbólica e que se configura em uma violência suave que se exerce por meios puramente simbólicos, não sendo perceptíveis às suas vítimas.

A dominação masculina encontra, assim, reunida todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseada em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte... (BOURDIEU, 2011, p.35)

Para Bourdieu, a diferença biológica entre os sexos pode ser vista como justificativa para naturalizar a diferença socialmente construída, principalmente a divisão sexual do trabalho. As mulheres foram excluídas dos assuntos públicos e durante muito tempo ficaram limitadas ao espaço doméstico e às atividades

relacionadas à reprodução. As funções mais nobres foram atribuídas aos homens e as tarefas mais “penosas, baixas e mesquinhas” (BOURDIEU, 2011, p.34) foram a elas atribuídas.

São essas nuances que Seierstad nos apresenta em sua obra. Uma sociedade regida pela tradição religiosa altamente sexista que coloca as mulheres em situação de extrema submissão, que privilegia a masculinidade e que faz com que nascer mulher seja um carma que será carregado por toda a vida.

2.2 A vida atrás da burca

A burca virou símbolo da opressão feminina no Ocidente. Entretanto, sua história é interessante pois ela é uma vestimenta pré-islâmica, ou seja, não foi uma criação do islã. Conta-se que um rei a idealizou para que as mulheres de sua família pudessem sair do palácio sem serem reconhecidas e importunadas pelos plebeus. Por outro lado, as mulheres que se consideravam tão nobres quanto a rainha e a princesa também passaram a usá-las e assim a burca se popularizou.⁶

Quando o Talibã assumiu o poder no Afeganistão todas as mulheres foram obrigadas a usar a burca, essa era a roupa obrigatória para sair às ruas. Seierstad narra em sua obra diversos trechos do incômodo que esse tipo de roupa causa em quem as usa. A visão fica comprometida porque a tela que reveste a parte dos olhos não deixa as mulheres enxergarem com clareza o mundo a sua volta. Além disso elas são quentes, especialmente se levamos em consideração o clima do país. Abafadas é possível sentir o cheiro do seu suor. Compridas demais se arrastam pelas ruas sujas fazendo com que o lixo se acumule na bainha e atrapalhe o caminhar.

Entretanto para além dos inconvenientes, digamos práticos da burca, o seu significado simbólico é muito maior. Dentro dela as mulheres não tem nome, rosto e nem identidade. Todas são "iguais", inúmeras burcas azuis andando pelas ruas da capital Cabul. Os medos, os sonhos, as expectativas e os desejos daquelas que estão debaixo da vestimenta azul não têm nenhum significado e nem importância nessa sociedade.

Assim é vista e encarada a mulher no Afeganistão, como um ser que não pensa por si só, que não tem uma identidade para afirmar e que não deve ser ouvida. Nessa sociedade ela é a esposa, a filha, a irmã, ou seja, uma pessoa que necessita ter um homem para dar significado a sua vida. Enquanto a mulher ocupa um lugar desvalorizado na sociedade, o homem goza de todo o prestígio e valor que a masculinidade lhe dá.

Seierstad nos diz que uma das coisas que mais a incomodou e revoltou durante sua estadia no Afeganistão, vou perceber como a crença da superioridade masculina estava impregnada nessa sociedade a ponto de não ser questionada, "Em discussões ficava claro que, para a maioria deles, as mulheres são de fato mais burras que os homens, que o cérebro delas é menor e que não podem pensar de maneira tão clara quanto os homens." (SEIERSTAD, 2088, p. 13).

Durante toda a história da humanidade muitos discursos foram construídos com o intuito de afirmar o masculino como ordem estabelecida. Assim, sociedades foram erguidas e organizadas respeitando a hierarquia de gênero que dá ao homem todo o privilégio e encerra a mulher numa situação de submissão. As afegãs retradas por Seierstad vivem para a família, para o privado. Enquanto jovens suas escolhas são feitas pelos pais ou irmãos mais velhos. Depois do casamento passa a respeita e a se submeter as vontades de seus maridos. Nesse contexto não há espaço para questionamentos, aquelas que teimam em fazê-los e desrespeitam as regras são julgadas como demasiada rigidez.

Toda essa situação, em muitos casos, é naturalizada pelas mulheres como algo dado desde sempre e além disso faz com que elas se sintam incapazes e inseguras para mudar o rumo de suas vidas. As mulheres, que nesse caso estão submetidas a essa dominação e a essa violência, constroem uma imagem inferior delas mesmas, bem como a concepção de que possuem uma inclinação para a vida doméstica, sem questionar ou até mesmo sem perceber a sua submissão. Assim, a ordem social funciona de maneira que tende a afirmar e confirmar a dominação masculina sobre a qual ela é fundamentada.

O universo masculino é o da rua, está ligado à dureza e a virilidade, ao passo que os espaços femininos remetem à fragilidade. Dessa forma, a “vocalização” para a vida familiar, para o doméstico, atribuída

⁶ Informação acessada em: <http://www.amalgama.blog.br/11/2011/o-afeganistao-depois-do-taliba>. Acessado em: 03/01/2014.

às mulheres, é fruto de uma lógica essencialmente social. Isso explica porque as vocações masculinas são sempre voltadas para aspectos mais nobres e superiores. Instituições como a Família, Escola, Igreja e Estado funcionam como agentes que corroboram a reprodução da dominação masculina. As meninas ainda pequenas são direcionadas, por essas instituições, a assumirem uma postura dócil e a acreditar que são mais propensas às atividades relacionadas ao espaço doméstico. Fato que leva as “vítimas da dominação simbólica a cumprirem com felicidade as tarefas subalternas que lhes são atribuídas”. (BOURDIEU, 2011, p.73). O que para o Bourdieu mostra que a dominação masculina tem como base a divisão sexual do trabalho, pois delega às mulheres as tarefas desvalorizadas, enquanto os homens assumem a responsabilidade por tarefas mais valorizadas. Por isso que é tão difícil romper com a tradição, já que a igualdade entre homens e mulheres tira dos primeiros o poder instituído, pois:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares... As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos... (2011, p.41).

Através da análise da desigualdade de gênero podemos compreender porque mesmo atualmente vivendo sob um governo democrático as afegãs ainda estão em número menor nas escolas e no mercado de trabalho. De acordo com uma pesquisa realizada em 2011 dos 237 alunos da escola pública Saward Hayte Mawand apenas 54 são meninas. Na escola feminina Gozargah à época da pesquisa contava com 4.280 alunas, porém o espaço era para 10 % delas. As demais estudavam em tendas no pátio. Além disso, a mesma pesquisa sinaliza que em 2011 57 % das meninas se casavam com menos de 16 anos e que para 70% o casamento continuava a ser forçado.⁷

Aquelas que conseguiram desamarrear os laços da tradição e que encontraram espaço no mercado de trabalho convivem com as profissões ditas femininas. As pretensas características femininas as fazem se alocar em profissões relacionadas ao cuidado com os outros. Perrot nos ensina que as "profissões de mulher", ou seja, aquelas que de acordo com a autora são consideradas "boas para uma mulher", seguem alguns critérios que também servem para determinar limites. Assim, essas características devem permitir que a mulher desempenhe bem sua tarefa profissional (menor) e a doméstica (primordial). Com isso, percebe-se grande contingente de mulheres inseridas em profissões com "perfil feminino". Essas ocupações "inscrevem-se no prolongamento das funções naturais e quase biológicas". De acordo com Perrot as pretensas qualificações para execução de determinadas tarefas são:

fantasiadas como "qualidades" naturais e subsumidas a um atributo supremo, a feminidade: tais são os ingredientes da "profissão de mulher", construção e produto da relação entre os sexos. De certa maneira, estas qualidades, empregadas inicialmente na esfera doméstica, geradora de serviços mais do que de mercadorias, são valores de uso mais do que valores de troca. Elas não têm preço, em suma. Os empregadores serviram-se delas por muito tempo (PERROT, 2005, p.252).

Ainda segundo Perrot, as mulheres estão alocadas em profissões que requerem maior minúcia e delicadeza, características que foram naturalizadas como femininas, dessa forma ficam "presas" a atividades que as monopolizam e que possuem poucas expectativas de promoção salarial. Para a autora a noção de carreira é pouco feminina, pois está atrelada a ambição que é sinal de virilidade se mostrando assim, deslocada para as mulheres. Para as que se aventuram por esse caminho parece ser necessário certa renúncia, sobretudo do casamento. Pois, essas tarefas são de acordo com a autora:

⁷ Dados disponíveis em: <http://www.amalgama.blog.br/11/2011/o-afeganistao-depois-do-taliba>. Acessado em: 17/01/2014.

Enraizadas no simbólico, no mental, na linguagem, o "ideal", a noção de "profissão de mulher" é uma construção social ligada à relação entre os sexos. Ela mostra as armadilhas da diferença, inocentada pela natureza, e erigida em princípio organizador, em uma relação desigual. (2011, p. 252-253)

As questões levantadas por Perrot podem ser percebidas na sociedade afegã. Algumas mulheres conseguiram se livrar dos grilhões da tradição e da religião, porém ainda encontram dificuldade para ocupar determinados cargos e funções. Ainda paira sobre essa sociedade a ideia que naturaliza a mulher como uma cuidadora nata o que acaba encerrando-as à funções e profissões batizadas como femininas. Alcançar a igualdade de gênero tem sido motivo de luta há muito dos movimentos feministas e de pessoas sensíveis a causa. Essa igualdade tão perseguida muitas vezes parece se resumir nas oportunidades no mercado de trabalho. Entretanto, quando refletimos sobre o cenário que Seierstad nos apresenta vemos que questões, ainda que simples e básicas para o Ocidente, necessitam se transformar. Numa sociedade onde a palavra da mulher não tem valor, onde são tratadas como objeto de troca entre as famílias, são consideradas incapazes intelectualmente, em suma, numa sociedade onde as liberdades individuais básicas não são respeitadas, fica a sensação de que ainda há um longo caminho para que as mulheres afegãs consigam se colocar em posição de igualdade com os homens.

3. CONCLUSÕES

A vida sob a burca se configura numa situação de total invisibilidade. Essas mulheres não tem os seus sentimentos e nem suas vontades respeitadas. É fato que houve avanço para elas depois que o Talibã caiu, entretanto, como mostram alguns dados de estudiosos sobre o Afeganistão as mulheres estão longe de alcançar o patamar da igualdade. A tradição e a religião funcionam nesse país como mecanismo legitimador da violência e do sexismo. A masculinidade é enaltecida enquanto que o feminino é colocado numa posição inferior. Às mulheres são dadas características como mexeriqueiras, intelectualmente confusas, bobas, infantis, entre outras. Entretanto essas "características" servem para reafirmar o poder central do macho nessa sociedade e convencer as mulheres de sua desvalorização social. É o que Bordieu nomeou de violência simbólica, aquela que está tão diluída na sociedade que não é percebida pela vítima e sim naturalizada, não gerando assim questionamentos. Foi esse o cenário retratado por Seierstad. Não há questionamentos. As regras estão postas e aquelas que porventura tentarem subverter-las acabam pagando um preço alto, muitas vezes o abandono da família e em casos mais graves a execução.

O papel esperado e desempenhado pela mulher é o de filha e esposa obediente e mãe dedicada. A reprodução é valorizada por ser utilizada pelos homens para aumentar o seu capital simbólico. Transpor as barreiras da tradição ainda é algo que se mostra extremamente difícil nessa sociedade, até porque são raros os esforços de instituições sociais (comandadas por homens) de trabalhar em favor desse objetivo, já que derrubar as barreiras da tradição significa perder o poder e o privilégio que o homem possui.

Seierstad descortina em sua obra a situação vivenciada por essas mulheres. Sem direito a opinar elas são criadas e educadas esperando o dia que um pretendente irá aparecer e deixará a casa dos seus pais para viver com a família do marido. Se a vida enquanto solteira era de submissão ao pai e/ou aos irmãos mais velhos não é muito diferente depois do casamento, onde deverá obedecer as ordens do marido. Assim, vivem a maioria das mulheres afegãs, voltadas para o lar, perambulando pelas ruas com suas burcas azuis, sem rosto, sem identidade, sem desejos, expectativas, objetivos ou vontade. Servem à um propósito que é satisfazer a vontade dos homens da família. Desacreditas muitas vezes não tem força para mudar.

Os valores como a liberdade e a igualdade tão caros para o Ocidente e as vezes tidos como arraigados ainda é objeto de luta de movimentos sociais para assegurá-los. No Afeganistão como em quase todo o Oriente Médio esses valores ainda precisam ser conquistados para que seus cidadãos, em especial as mulheres, possam usufruir de uma vida mais feliz e igual.

4. REFERÊNCIAS

BELOTTI, Elena. Educar para a Submissão: o descondicionamento da mulher. Petrópolis, Vozes, 1981.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 10ª Ed., 2011, p.55.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001, p. 50.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história, (trad. Viviane Ribeiro), Bauru-SP, EDUSC, p 252, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da Educação, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

SCHIENBINGER, Londa. O Feminismo mudou a ciência? Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SEIERSTAD, Asne. O Livreiro de Cabul, Rio de Janeiro, Record, 2008.